



Viagem ao redor do

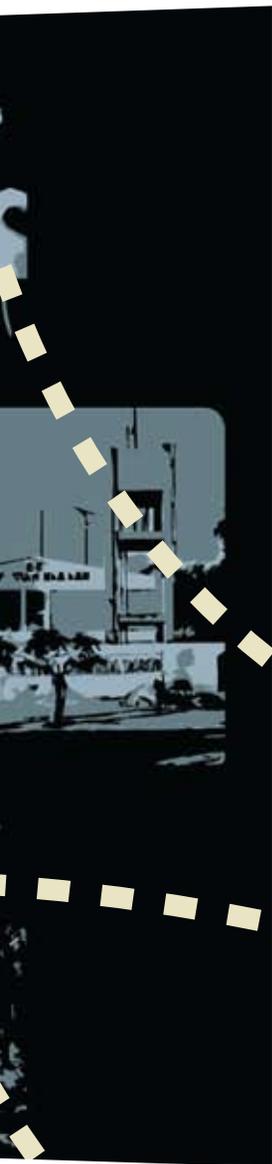
campus

da Universidade

de São Paulo



WILLI BOLLE
MODESTO FLORENZANO
(organizadores)



“Vocês, com suas construções retangulares,
deixam o conhecimento ficar pelos cantos;
entre nós, que construimos de forma redonda,
o conhecimento circula.”

Essa fala de um indígena, que ouvimos em uma das escolas situadas na proximidade da USP, sintetiza “de forma redonda” a experiência conjunta de viagem e diálogo ao redor do *campus* da universidade, realizada no dia 11 de maio de 2009 por um grupo de nove alunos e seis professores dos ensinos fundamental e médio, seis estudantes (de graduação e pós-graduação) e cinco professores da USP, e um jornalista. Foi uma das atividades postas em prática para comemorar os 75 anos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP). No grupo de professores encarregado de organizar a comemoração, sob a coordenação da prof^a Ligia Prado, do Departamento de História, um professor da área de Alemão, Willi Bolle, apresentou o projeto de uma viagem ao redor do *campus* da USP para se realizar um diálogo com as escolas que são nossas vizinhas. Uma das fontes inspiradoras foi a concepção de Wilhelm von Humboldt, fundador da Universidade de Berlim (1810), de articular os três níveis de ensino – superior, médio e fundamental –, o que representou um investimento revolucionário em termos de educação.



A ideia da viagem ao redor do nosso *campus* procura reunir também a tradição dos viajantes pelo Brasil com um compromisso intelectual que tem sido a meta dos professores e pesquisadores da FFLCH desde a sua fundação: pensar a realidade brasileira em todas as suas dimensões – social, econômica, política, educacional, religiosa e cultural – e nela intervir no sentido de democratizar o conhecimento. De fato, para quem estuda e trabalha na USP, “o Brasil não é longe daqui”. Uma volta ao redor do *campus* permite conhecer um recorte representativo do país, na medida em que os bairros da vizinhança oferecem amostras expressivas dos extremos da escala social – por um lado, as finas residências do Alto de Pinheiros, com suas ruas e praças arborizadas; por outro, as ruelas e construções precárias das favelas Jaguaré e São Remo; além disso, há todas as gradações de bairros e moradias da classe média. Assim, através da excursão ao redor do nosso *campus*, como uma atividade de microgeografia e microsociologia, procuramos retomar a tradição da nossa faculdade de pensar as nossas tarefas cotidianas com relação ao conjunto do país.

Dentre os objetivos principais da FFLCH destaca-se a formação de professores para os ensinos fundamental e médio. Nesse sentido, os principais pontos de referência, na proposta de uma excursão ao redor do *campus*, seriam as escolas na nossa vizinhança, para se saber que tipo de diálogo já existe ou poderia existir entre a nossa universidade e os estabelecimentos de ensino médio e básico. Com a ajuda da educadora Martha Pimenta (Pró-Reitoria de Cultura e Extensão) foi feita uma seleção prévia de sete escolas que constituiriam, nesta sequência, os pontos de parada da nossa excursão:

- Escola de Aplicação da USP
- Colégio Santa Cruz
- Escola Estadual João Cruz Costa
- E. E. Alberto Torres
- Escola da Vila
- Escola Municipal de Ensino Fundamental Amorim Lima
- E. E. Prof^a Clorinda Danti.

No dia 16 de abril foi realizado um teste prévio da “viagem”, com o generoso apoio e a participação do vice-diretor da FFLCH, prof. Modesto Florenzano, e do *Jornal da USP*, representado pelo jornalista Miguel Glugoski, que documentou num artigo o percurso e o diálogo estabelecido com diretores e professores das referidas escolas (*Jornal da USP*, nº 864, de 27 de abril a 3 de maio de 2009, pp. 1 e 13). Nessas conversas, especialmente com a prof^a Ana Elisa Siqueira (EMEF Amorim Lima), prof. Chicão (Escola da Vila) e prof. José Carlos Carreiro (Escola de Aplicação da USP), nasceu a ideia de que os professores e alunos da USP não apenas visitariam as escolas ao seu redor, mas que eles seriam acompanhados durante todo o percurso por professores e alunos dessas escolas. A mesma ideia de parceria orienta também a redação deste texto sobre a experiência da excursão. O que segue é um relato de múltiplas vozes e perspectivas dos participantes dessa viagem.

(Willi Bolle, professor do Departamento de Letras Modernas)

“DIÁRIO DE BORDO”: UM MAPEAMENTO INICIAL

Essa denominação não escapa muito daquilo que eu realizei com o grupo coordenado pelos professores Willi Bolle e Modesto Florenzano. Não tinha conhecimento do que se tratava em princípio. Simplesmente me inscrevi na Administração da FFLCH e aguardei o dia dessa viagem... Até imaginei que realizaríamos uma caminhada de poucas horas.

Chegado o dia, me deparei com o que realmente me meti. Foi uma surpresa: visitaríamos as escolas ao redor da USP. Estudando Geografia há pelo menos um ano e meio, morando há pelo menos nove meses nos arredores da Cidade Universitária, com o objetivo de lecionar depois de formado e não conhecia minimamente o que me tangenciava.



Fotos: Willi Bolle

Os viajantes

Impressionante foi visitar das 9 às 17 horas sete escolas: a Escola de Aplicação da FE-USP, o Colégio Santa Cruz, as escolas estaduais João Cruz Costa e Alberto Torres, a Escola da Vila, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Amorim Lima e a Escola Estadual Professora Clorinda Danti. Fato maior: poucas foram as escolas visitadas no Butantã e muitas foram as suas peculiaridades. São escolas particulares e públicas de ensino fundamental e médio, de administração municipal, estadual ou universitária. São escolas com histórias e realidades profundamente diferentes, tanto nos aspectos socioeconômicos quanto nos históricos.

A Escola de Aplicação é vinculada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e foi criada há pelo menos 50 anos. Conta atualmente com uns 700 alunos, distribuídos nos turnos matutino e vespertino. Todos os seus professores são concursados. O ingresso de novos alunos se faz por sorteio estabelecendo uma distribuição igualitária de vagas entre os integrantes da FE-USP, comunidade USP e comunidade externa. A sala do 1º ano F conta com algumas adaptações para alunos

com necessidades especiais, havendo colchões e intérprete de libras, por exemplo. Há também o Complexo de Arte, que está localizado no que era o Salão Nobre e que abriga hoje práticas de teatro, música e artes visuais. A biblioteca da escola conta com a presença de projetos e alunos bolsistas, que auxiliam em diversas atividades.

O Colégio Santa Cruz está localizado além do Rio Pinheiros, mas próximo da Cidade Universitária. Foi fundado por religiosos canadenses em 1952 – possui como emblema uma folha semelhante à da bandeira canadense. Atualmente conta com 2.500 alunos, entre os ensinos fundamental e médio. O período noturno é destinado gratuitamente aos alunos do EJA (Ensino de Jovens e Adultos), apresentando, porém, dificuldades de acesso devido à localização da escola. O colégio possui um teatro que foi inaugurado na comemoração dos 50 anos da instituição. Foi relatado nessa passagem que os alunos de ensino médio possuem certa liberdade quanto à permanência em sala de aula, cabendo aos mesmos as consequências pelas decisões tomadas. O ensino fundamental possui ensino religioso, ao contrário do ensino médio. Há no colégio

uma quadra de esportes que sedia eventos esportivos e também missas. O colégio é dividido fisicamente entre ensino fundamental e médio. Xingamentos obviamente são malvistas, especialmente entre os alunos nas atividades esportivas. Por isso, os próprios alunos utilizam, em momentos de maior exaltação, palavras mais “apropriadas”. A biblioteca se mostrou avançada em acessibilidade tecnológica, pois oferece rede *wireless* e empréstimo de pequenos *notebooks* para uso interno.

A Escola João Cruz Costa fica próxima do Portão 2 da Cidade Universitária, no bairro do Jaguaré. Num primeiro momento pode-se perceber a presença de obras de caráter público em frente à escola. Dentro deparamo-nos com um pequeno grupo de crianças; essa escola oferece somente estudos até o 4º ano do ensino fundamental. Fomos levados até a quadra poliesportiva, onde também encontramos mais crianças. Segundo relato, a deterioração da quadra poliesportiva cessou depois da retirada de habitações irregulares que se encontravam nas proximidades.

A Escola Alberto Torres foi a que me chamou mais a atenção. A falta de consenso dentro da própria instituição mostrou-se como fator mais evidente de desagregação da escola. Com a visita realizada, houve o contato com a história e com a realidade da Alberto Torres. Estou elaborando mais sobre minhas impressões acerca dela. Foi instigante, me inquietou muito!

Na Escola da Vila fomos levados a uma apresentação em vídeo da escola. Trata-se de uma escola de ambiente bem agradável e bem cuidada. Possui o projeto ReciclaVila, com o intuito de desde cedo incentivar a prática da seleção de materiais recicláveis. Os pequenos têm um espaço para eles, porém sem perder o contato com os maiores. A integração de monitores de séries mais avançadas com crianças menores, do meu ponto de vista, é fundamental para a integração da comunidade escolar.

A Escola Amorim Lima, de acordo com o colhido dentro e fora da universidade, é uma das que tem maior proximidade com alunos da USP, em especial nos estágios e elaboração de projetos. Não sabia que



**Escola de
Aplicação**

dentro da escola havia uma opã (espécie de construção indígena), construída por integrantes de uma aldeia da região de Parrelheiros. Nessa escola fomos guiados por duas alunas que nos mostraram todos os pormenores. Na sala de leitura, deparamo-nos com um estagiário do curso de Letras da FFLCH auxiliando os alunos.

Por fim, com o sol se pondo, chegamos à Escola Clorinda Danti. De acordo com o que nos foi explicado, a escola não havia atingido as metas propostas pela Secretaria de Educação, mas há um esforço para que esse quadro seja melhorado. Ainda foi acrescentado que a escola é assistida pela USP e que há necessidade de psicólogos. Clorinda Danti localiza-se numa área um pouco mais degradada dos arredores da Cidade Universitária, o que justifica uma atenção especial a ela. Nessa escola também há um Cantinho da Leitura. Contudo, me entristeceu o fato de este estar cercado de uma segurança tão evidente. Esse espaço deveria ser um local de integração e não afastamento. Apesar de não ser proibido aos alunos, a presença de grades constitui um bloqueio psicológico à permanência dos alunos e busca de conhecimentos. É interessante pensar o espaço em que a escola está inserida e questionar de onde partem os problemas cotidianos relatados, se são algo inerente unicamente à escola ou à comunidade local que a compõe.

(Hector Rafael dos Santos, aluno de graduação do curso de Geografia)

EXPEDIÇÕES: A BUSCA DE DIFERENÇAS EM MÚLTIPLAS ESCALAS

Para um antropólogo, é inevitável vincular essa “Viagem ao redor do *campus*” – iniciativa, entre outras, para celebrar os 75 anos da fundação da USP – a uma das atividades de Claude Lévi-Strauss quando de sua passagem por São Paulo e por esta

universidade em 1934, como integrante da famosa Missão Francesa. Trata-se de suas expedições pelo interior do estado e depois pelo sertão adentro, em busca de contato com povos indígenas, relatadas no célebre livro *Tristes Trópicos*. Ao lado da prolongada inserção na aldeia, em contato com o cotidiano dos moradores – chamada de observação participante – a expedição é uma estratégia de trabalho muito utilizada pelos antropólogos, principalmente quando se trata do primeiro contato com o campo de pesquisa. Ao começar a nossa pelo (apesar do nome) nada exótico bairro do Butantã, fui convidado a fazer um breve paralelo entre as dimensões e o significado dessa nossa expedição e aquela de Lévi-Strauss e as minhas próprias.

Assim, apesar das diferenças de escala e de objetivos, é plausível estabelecer alguns pontos em comum, e começo com a ressalva de que em nenhum dos casos se trata de uma pesquisa propriamente dita; os resultados obtidos e dados colhidos não podem ser considerados representativos de algum universo mais amplo a estudar. Contudo, tampouco se trata de uma *flânerie* inconsequente, pois o que se percebe e registra não deixa de ser significativo, em função mesmo da própria dinâmica da viagem. Se não foi possível colher longos depoimentos com os professores, alunos ou funcionários das escolas que visitamos, nem analisar com profundidade seus currículos, material didático e instalações físicas, ou ainda observar o convívio cotidiano, os conflitos e os rituais pedagógicos – o que só seria viável num quadro interpretativo de outra ordem –, pudemos, por meio de uma visada comparativa e, digamos assim, “de passagem”, captar contrastes, diferenças.

Um dos motes da viagem, “O Brasil não é longe daqui”, que orientou a escolha dos estabelecimentos em função da inserção na paisagem urbana – favela, bairro de classe alta, de classe média –, foi um fio condutor para o olhar. Com efeito, apesar de não se pautar por um protocolo rígido de pesquisa, a expedição, como estratégia de observação, tem suas regras. Assim, quando da minha participação na “Expedição São Paulo”, que

em fins dos anos 80 percorreu a metrópole paulistana de Mogi a Itapevi – a mancha urbana captada pelo satélite *Intelsat* –, o propósito era seguir o mesmo percurso feito pelos viajantes oitocentistas. O que se pretendia era observar de forma comparativa, as formas de uso do espaço, a densidade ocupacional e os sistemas construtivos atuais contrastando-os com os que marcavam a região em meados do século XIX; foi isso que deu o tom àquela expedição.

Na segunda, a “Expedição São Paulo 450 anos” – que ajudei a organizar por ocasião do aniversário da cidade em 2004 –, a ideia era outra: registrar a diversidade cultural, das formas de sociabilidade e lazer, da religiosidade, dos sistemas populares de troca, da funcionalidade de sistemas complexos como o metrô, etc. constitutivos dos muitos modos de vida dos moradores de uma cidade então com cerca de 12 milhões de habitantes. Evidentemente não seria possível fazer um registro exaustivo; mas, ao cabo de uma semana, os trinta profissionais das mais diversas áreas do conhecimento – ciências humanas, arquitetura, psiquiatria, etnomusicologia, museologia e arqueologia, artes e educação –, que a percorreram ao longo de dois eixos, Norte/Sul e Leste/Oeste, puderam apreciar e depois refletir sobre a heterogeneidade, diversidade e riqueza dos arranjos de seus moradores, não para “sobreviver” no “caos urbano”, mas para estabelecer relações criativas e inesperadas. O pressuposto, a regra que dirigiu o olhar foi: não obstante um discurso recorrente sobre a violência, desigualdades, carências, etc. continuamente atribuídos à metrópole, seria possível, quando vista “de perto e dentro”, ainda que de passagem, entrar em contato com a regularidade da vida cotidiana e as redes que a sustentam.

De certa forma nossa expedição, mais curta e restrita aos estabelecimentos de ensino em torno da Cidade Universitária – onde encontramos ex-alunos agora no papel de professores e alunos com propósito de ingressar na USP –, também permitiu entrar em contato com a diversidade de soluções e estratégias diante de questões comuns, neste caso, o do ensino médio. Se saltou aos

olhos a diferença, por exemplo, entre as instalações de uma escola de classe alta em comparação com as de outra, no contexto da favela – as desigualdades de renda e acesso aos equipamentos são uma realidade –, também chamou a atenção o empenho de profissionais que, diante da precariedade dos meios à sua disposição, se desdobravam em busca de soluções no exercício de seu mister. Dessa forma, reeditando em escala simbólica uma experiência de trabalho familiar a estudiosos que ajudaram a formar a USP ou que nela foram formados, ao longo das gerações, pudemos contribuir com nossa “Viagem ao redor do *campus* da USP” para as celebrações dos 75 anos de sua fundação.

(José Guilherme Cantor Magnani, professor do Departamento de Antropologia)

IMPRESSÕES DE VIAGEM E PROPOSTAS DE INTEGRAÇÃO

A Escola de Aplicação (EA), uma escola pública de ensino fundamental (EF) e de ensino médio (EM), mantida pela Faculdade de Educação da USP, abriu o caminho para a “Viagem ao redor da USP”. Recebemos os amigos viajantes, professores e alunos de diferentes escolas e da universidade, que se reuniram na EA para iniciar a expedição.

Nesse abrir caminho tivemos a oportunidade de mostrar a EA por dentro. Apresentamos com orgulho a diversidade de alunos que temos, marca e grande desafio desta escola. Isso foi possível, num primeiro olhar, porque havia alunos no pátio em aulas de arte e educação física. Os viajantes puderam perceber uma mostra dessa diversidade que convive encarando os conflitos, para crescer vivendo e respeitando as diferenças.

Chamamos a atenção para o espaço físico, mas principalmente para aquilo que mais nos agrada na EA, os projetos Negritude, o de prevenção contra as drogas (Eapreve), o de sexualidade e também os projetos de treinamento da área de Educação Física, que



Colégio Santa Cruz

possibilitaram e continuam abrindo frentes para a integração com outras escolas.

Fomos respondendo às dúvidas e curiosidades que os integrantes da expedição traziam. Destacamos aqui os nossos estudos do meio, que são importantes para a escola e para a formação dos alunos, que são realizados do 3º ano do EF ao 3º ano do EM.

Sáímos da EA e visitamos mais seis escolas. Diferentes e diversas impressões foram trazidas pelos alunos Nelson, Thiago e Vinicius, do 8º ano do ensino fundamental, além dos professores Luciano e Zé Carlos, que tiveram o prazer de acompanhar o grupo.

Apresentamos a seguir os relatos dessas impressões, a partir, principalmente, das falas e registros dos nossos alunos que participaram diretamente da viagem.

Logo na segunda parada do grupo, já fora do *campus*, no Colégio Santa Cruz, fundado em 1952 por padres canadenses, os alunos foram acompanhando as falas e tecendo os seus comentários:

“É uma escola de elite, porém à noite é aberta para um projeto de supletivo para cerca de 500 pessoas”.

“Puxa! Não tem nenhum aluno negro”.

“O teatro deles é maior que o cinema do Shopping Eldorado”.

“Os alunos do colegial podem ficar fora da aula se quiserem, mas assumem a responsabilidade, aí é problema”.

“Podemos marcar um jogo contra eles... olha só que campeão gramadinho”.

“Foi a única escola que visitamos que fica em um bairro de classe alta e na outra margem do rio”.

Na Escola Estadual João Cruz Costa, que está localizada na entrada da favela do Jaguaré e funciona do 1º ao 4º ano do EF, a expedição fez a sua terceira parada. E atentamente às questões, os registros foram surgindo:

“Além do tempo de aula também há projetos, como dança e capoeira”.

“Durante o tempo de aula há atividades pedagógicas com a participação da Polícia Militar, num trabalho de prevenção contra as drogas”.

“Apesar dos poucos recursos e do espaço reduzido, percebemos que as pessoas fazem a diferença, na organização da direção e no trabalho dos professores e funcionários”.

“Pô! Que escola bem cuidada. Mesmo diante

de boatos de que a escola iria fechar, em razão da construção do ‘Céu Jaguaré’, ela continua ativa e oferecendo um ensino de boa qualidade”.

Parada para o almoço! Foi lá na FEA, comida boa e bom papo, para ganhar energia, o grupo se integrar mais e seguir viagem.

Reiniciamos as visitas pela Escola Estadual Alberto Torres, antiga escola rural, localizada ao lado do Instituto Butantã, aliás, ela começou como parte do instituto:

“Corre o risco de ser fechada, funciona apenas com duzentos alunos, cem pela manhã e cem à tarde”.

“O prédio é muito bonito e grande, foi tombado pelo patrimônio histórico, mas é muito malconservado, percebi aí a falta de atenção do poder público com a escola”.

“Tem um projeto de informática, que parece bem legal”.

A próxima visita da expedição foi à Escola da Vila, que funciona há 29 anos. É uma escola particular que tem cerca de 1.300 alunos. É escola de elite, mas que tem

preocupações com o social. Foi mostrado um vídeo institucional e em seguida demos uma volta pelas dependências:

“A escola surgiu primeiramente como maternal e pré, foi crescendo e criando novos espaços para ensino fundamental I e II e por fim, por pressão dos pais, foi criado o ensino médio”.

“Chamaram muito a minha atenção as oficinas chamadas ‘Um pouquinho do Brasil’, que são realizadas todo mês de agosto, aos sábados, com a ajuda dos pais”.

“Não observei nenhum aluno negro aqui também”.

Seguimos viagem e chegamos a nossa sexta parada, a Escola Municipal Amorim Lima, localizada na Vila Indiana, a única escola da rede municipal que visitamos. Essa chamou muito a atenção pela “heterogeneidade social e cultural”, como aqui na EA:

“Tem um projeto educacional bem diferente e ousado, com salas sem paredes”.

“O projeto ‘Vigilantes da natureza’ é bem legal”.



**Nesta e na
outra página,
Escola Amorim
Lima**

“Outro projeto é diretamente ligado à cultura guarani, num intercâmbio entre a escola e o povo guarani. Há, inclusive, dentro do espaço escolar, uma construção chamada ‘Opy Guasu’ que é uma casa de reza típica dessa cultura”.

“Foi bem legal perceber que a escola oferece diferentes oficinas para os alunos, como xadrez e grafite, uma escola com certeza de qualidade”.

“Aí rolou até paquera com as meninas da escola”.

Finalizamos a expedição na Escola Estadual Clorinda Danti, uma escola fundada na década de 1940 e que funciona apenas com o ensino fundamental I:

“A maioria dos alunos é da favela São Remo e isso não é problema”.

“É uma escola muito ligada às atividades sociais”.

“Percebi que apesar dos poucos recursos a escola é muito bem organizada e limpa”.

“Uma simples pintura diferente nas paredes pode trazer um trabalho muito interessante para os alunos”.

“A dedicação dos professores e o empenho da direção aqui também fazem a diferença”.

“Ali encerramos viagem com uma aula de alemão inesquecível”.

Foram diferentes impressões e emoções que estiveram presentes na nossa expedição, seja observando os diferentes grupos de alunos, seja pela localização e organização das escolas, pelos projetos ou pelo tamanho do espaço físico. Aprendemos muito com as diferenças e diversidade que observamos.

Escolas públicas estaduais ou municipais, ou ainda da rede particular, cada uma delas com as suas particularidades e que contribuem para a educação do país: “Pena



que não sejam todas assim”, esta foi uma reflexão importante colocada pelo grupo.

Finalizamos abrindo espaço para diferentes possibilidades de integração entre as escolas da região do entorno da USP. Podemos pensar em torneios de diferentes modalidades esportivas, em encontros para apresentação dos diferentes projetos e troca de experiências, ou ainda festas. São ideias que podem integrar essas e outras escolas da região, aliás, a Universidade de São Paulo poderia apoiar diferentes eventos e organizar mais momentos como esse que vivenciamos. Uma experiência ímpar que só tem a contribuir com a melhoria do ensino e da educação.

(Nelson Hilarião da Silva Neto, aluno do 8º ano II do ensino fundamental; Thiago de Oliveira Lima, aluno do 8º ano II do ensino fundamental; Vinicius Henrique Fagundes Costa, aluno do 8º ano II do ensino fundamental; José Carlos Carreiro, prof. de Geografia; Luciano Ducatti Colpas, prof. de Educação Física - Escola de Aplicação da FE-USP)

ACHISMOS DE “MÃERINHEIRA” DE PRIMEIRA VIAGEM

Frequentemente faço expedições malucas pela cidade, já que me propus a trabalhar com a espécie de “*city tour – cool*”. E, sendo São Paulo conhecida justamente

**Nesta e na
outra página,
E. E. João Cruz
Costa**



por suas sobreposições de paisagem, principalmente no que diz respeito ao quesito socioeconômico, muitas vezes é essa a impressão marcante que temos, seja qual for a expedição/roteiro/*tour*.

Mas uma coisa de peculiar é que nesse dia ao redor da maior universidade do país, que fica perto da minha casa, me surgiu uma questão que eu não ia contar, mas, por não conseguir inventar mais nada para relatar sobre minha experiência, resolvi deixar a vergonha de “mulher moderna” de lado e abrir para todo mundo. Desde que pisei na primeira escola, a única coisa em que eu conseguia mesmo pensar para direcionar minhas opiniões era: em qual escola eu colocaria meu filho?

Foi aí que pude sentir a fragilidade de um discurso de classe, ou de qualquer outro discurso que na verdade não se originou da própria carne. Quero dizer, muitas vezes falamos por falar, sem nos comportarmos mesmo segundo essa fala. E essa sempre foi uma preocupação minha.

Bem, por algum respeito ou prudência falarei então das escolas sem citar seus nomes. E já digo logo que sim, há uma escola em que eu matricularia um filho, se ele se mostrasse a favor. Mas não vou contar qual é, desculpem, pois senão vai parecer propaganda.

A escola “A” tinha um espaço físico que me agradou, pessoas variadas de que também gostei e o conteúdo didático provavelmente não deixaria a desejar. Estava pensando bem dessa instituição, mas alguns acontecimentos no pátio me fizeram pensar que, se eu tiver uma filha e não um filho, aquele não seria um local muito propício, já que as meninas,

antes de aprenderem algumas coisas sobre o mundo, precisam de uma certa supervisão, e as coisas pareciam soltas demais ali para minha fraca confiança.

A escola “B” era cheia de pompa, o que logo me provoca resistência, não gosto desse estilo “somos vencedores – líderes do futuro”. Tudo muito bonito, tudo muito certinho, haveria a tal supervisão ali, mas o ambiente era sufocante por ser apenas para um estilo de cidadão. Uma sensação de cegueira, de falsa consciência social, de falso criticismo. Isso tudo somado a eu ter encontrado uma pessoa da minha família na biblioteca e ela ter pensado que eu era uma ex-aluna quando fui cumprimentá-la. Não, eu não contei pra ela depois quem eu era. Realmente a coisa já estava muito enquadrada e convicta de si por ali. Não, é necessário conseguir enxergar os diferentes e os inusitados das paisagens. As entrelinhas. Politicamente correto não está correto pra mim.

Havia uma escola “C” que também achei das melhores, sistemática, criativa, espaço físico criativo, participação de todos na construção do dia-a-dia, etc. Mas não sei, o que faltava? Alguma coisa. Será que isso vai funcionar?

A escola “D” era toda bonitinha e bem cuidada apesar da falta de recursos. Dava até vontade de matricular as pessoas lá, mas se fosse um filho talvez ele achasse aquilo tudo muito diferente do que estava acostumado. Talvez ele sofresse algum tipo de preconceito. Eu tenho uma boa amiga que apanhou brutalmente numa escola pública em que foi obrigada a estudar porque seus pais eram professores ricos politizados.

A escola “E” achei péssima. Toda trancada. Sim, todos sabem que as escolas públicas trancam tudo e que talvez isso seja necessário. Mas tenho que discordar. Onde já se viu alguém querer ir à biblioteca e não poder porque está trancada. Onde já se viu ter que procurar quem está com a chave do quadro de luz para poder ter uma aula? Para tudo que se queira fazer deve-se então procurar o mestre das chaves. Não, de jeito nenhum submeteria alguém a isso.

Na escola “F” foi onde mais me diverti, e daria uma bela reportagem para qualquer

revista. Um histórico incrível, um espaço que em algum tempo deve ter sido dos mais aconchegantes, um nome lindo. Mas, que pena, algo precisa mesmo ser solucionado ali. Foi sem dúvida a escola mais poética, e gostaria de contribuir em uma reforma, se estiver a meu alcance.

Por fim a “G”, muito bem estruturada, criativa, tentativa talvez bem-sucedida de um olhar crítico e abertura para o novo. Espaço físico aconchegante, barulho de criança. Talvez tudo seguro demais...

Olha, será que o objetivo ao escolher a escola de um filho é que ele entre na USP depois? Talvez não o meu, mas imagine de quanta gente. E quantas das crianças dessas escolas poderão um dia sonhar com essa possibilidade? E, entrando, que futuro terão? O que sabe a USP das crianças que vivem ao seu redor? Que têm pais que provavelmente trabalham no *campus* ou que, aos finais de semana, andam de bicicleta por ali.

A conclusão à qual realmente consigo chegar é que o concreto mesmo, o que importa, não está no projeto pedagógico, nem no espaço físico, nem no *status* de cada instituição. Está sim no caráter de quem está na administração das pessoas

que trabalham juntas. Na coerência do discurso com a prática. Na verdade, o que leva a gente a matricular um filho é uma confiança no coordenador!

(Patrícia Ferreira Rabaça, graduada em Psicologia pela USP)

AO REDOR DA USP: DUAS ESCOLAS, UM DESAFIO

Fiquei curioso e logo que pude fui checar no Google Maps: as duas escolas distam em aproximadamente três quilômetros e duzentos metros. A pequena distância geográfica, contudo, não é capaz de suavizar o *apartheid* existente entre elas. O Rio Pinheiros nada mais faz do que traduzir essa separação em água e detritos, e a tediosa Ponte do Jaguaré antes demarca territórios do que garante o mútuo acesso. Estamos numa viagem ao redor da Universidade de São Paulo entre os bairros adjacentes do Jaguaré e Alto de Pinheiros, visitando escolas públicas e privadas.



**Nesta página,
Escola da Vila**



A primeira escola é uma instituição de ensino da elite paulistana. Amplas instalações, salas de aula bem iluminadas, quadras poliesportivas, exuberância de material informático e um teatro digno de admiração. Não notei estudantes negros. (Parece-me que estes estudam à noite em um programa supletivo apoiado por bolsas patrocinadas pela mantenedora, a Congregação dos Padres de Santa Cruz.) No pátio principal, uma animada eleição para o grêmio estudantil alvoroçava os jovens, enchendo-os de entusiasmo cívico e complementando a inclinação cidadã de uma escola criada por padres católicos originários do Canadá.



O coordenador que nos recebe apressa-se em nos atualizar a respeito das características da instituição. Apesar de ser uma escola confessional, o clima é bastante descontraído: os estudantes mais velhos, por exemplo, podem optar por não entrar nas aulas e permanecer no pátio, não há uniforme (apenas para as práticas esportivas), valoriza-se o aprendizado de línguas e a participação no Projeto Social Santa Cruz, rede solidária patrocinada pela congregação de Santa Cruz no Jaguaré, e obrigatória para todos aqueles que cursam o ensino médio.

No encontro realizado no agradável *foyer* do teatro, alguém pergunta algo a respeito da participação dos pais na vida escolar dos filhos. Sobriamente, o coordenador nos informa que a escola é bastante permeável aos pais e que busca com frequência estimulá-los a tomar parte da vida escolar dos filhos por intermédio de reuniões e outras atividades. Observa, contudo, que se trata de uma prática dificultada pela árdua tarefa de harmonizar os horários escolares com aqueles dos pais, marcados por intensa flexibilidade. Salienta, ademais, que eles habitualmente depositam grande confiança na instituição e que, portanto, qualquer dificuldade de relacionamento

tende a ser superada a contento. Não é difícil acreditar nisso.

A segunda escola é acanhada nas instalações: edificada principalmente em madeira, apresenta um pátio entre dois prédios térreos que deságuam numa íngreme escada de acesso à quadra esportiva. As crianças estão por toda parte. Iria, a diretora, nos recebe com entusiasmo, dissertando a respeito das dificuldades enfrentadas pela escola, mas salientando, sobretudo, as conquistas recentes: destaque no Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp), estabelecimento de parceria com empresas privadas, em especial, com a vizinha Roche (produtos químicos e farmacêuticos), aquisição de computadores para os professores e, sobretudo, a manutenção do bom relacionamento com a comunidade vizinha. (Um exemplo? O para-raios da escola foi furtado, mas a comunidade mobilizou-se e conseguiu recuperar os fios.)

Curiosas, as crianças interagem vivamente com os argonautas improvisados: questionam, tocam, correm, gritam... A Escola Estadual Professor João Cruz Costa acolhe aproximadamente 630 crianças, em sua maioria, crianças negras. Moram na favela em vias de urbanização que abraça a instituição. “Como é a relação dos pais com a escola?” Somos informados que a desejada participação é dificultada pela frequência com que o horário de trabalho dos pais é alterado. A assiduidade aos encontros escolares torna-se imprevisível. Desafio principal? “Conseguir trazer os pais para dentro da escola!”

Se nada mais soubéssemos, saberíamos ao menos que o Brasil é o país das desigualdades sociais. Não há nenhuma novidade nisso. Aos meus olhos, o fator inusual trazido à luz por essa viagem não se encontra na contraposição existente entre duas realidades contraditórias, mas na conformidade de um regime temporal comum. Flexíveis ou precários, os horários de trabalho dos pais competem com a escola dos filhos. Essencialmente volátil, o tempo de trabalho pós-fordista simplesmente não se acomoda à rotina escolar.

Os sociólogos mais astutos poderiam objetar: a experiência da precariedade, especialmente aquela temporal, é uma constante na história de nossas classes subalternas, não configurando, portanto, algo de original. Concordo em parte. Se, de fato, a heteronomia relativa ao tempo de trabalho configurou a regra advinda da autocracia do cronômetro taylorista, ao menos os horários costumavam ser previsíveis.

Entretanto, a novidade parece-me residir não tanto aí, mas na subsunção, auferida ainda que de forma impressionista, ao tempo fugidivo dos horários de trabalho dos pais, igualando elites e classes subalternas no tocante à participação da vida escolar dos filhos. Ao transformar todo o tempo social em tempo de trabalho, o capitalismo contemporâneo erigiu uma renovada área de atrito com a temporalidade inerente à reprodução social, transformando a participação dos pais na vida escolar dos filhos no grande desafio enfrentado por essas escolas.

(Ruy Braga, professor do Departamento de Sociologia)

QUAL SERIA A CONTRIBUIÇÃO DA USP PARA O DIÁLOGO COM AS ESCOLAS?

No dia 11 de maio saímos da USP com o intuito de fazer visitas a diversas escolas de ensinos fundamental e médio nas proximidades da Cidade Universitária. O que me surpreendeu foi a grande diversidade de escolas que temos. Desde o Santa Cruz, um dos colégios mais conceituados de São Paulo, que oferece um curso de ética e cidadania e adota um programa de voluntariado no seu currículo, até a escola pública bem pertinho da USP, a Alberto Torres, onde acredito que todos ficaram abalados com o abandono da escola.

Bem, como já existem textos bem elaborados sobre a viagem gostaria de me ater aos problemas observados em escolas

públicas e refletir como a comunidade da melhor universidade pública do país poderia intervir nessas instituições.

Primeiro é importante ressaltar que todas as escolas públicas apresentam problemas. Desde a falta de apoio do governo, a desmotivação de professores e diretores, até problemas com os alunos e com a comunidade em volta. Na primeira escola pública visitada – a Escola João Cruz Costa, localizada no bairro do Jaguaré – percebi a falta de estrutura física. Salas pequenas, pátio pequeno, paredes que me pareceram de alvenaria, a proximidade com uma comunidade carente que às vezes, segundo a diretora, costumava jogar pedras nos alunos durante as aulas de educação física. Devido a esse evento foi construído um grande muro que separa a comunidade da escola de certo modo. Apesar de todos esses problemas essa escola é um grande exemplo para todas as escolas públicas do país. Pudemos perceber que mesmo pequena e com poucos recursos o prédio era limpo, organizado, cheio de crianças felizes graças

Nesta página e na seguinte, E. E. Professora Clorinda Danti



ao trabalho em conjunto entre os membros da coordenação da escola e a comunidade (pais e parentes de seus alunos). Devido a esse trabalho a diretora nos relatou ter conseguido alguns computadores usados, e um professor se ofereceu a instalá-los e fazer a manutenção, etc. Percebi que com o esforço de todos os envolvidos a Escola João Cruz Costa tornou-se um lugar agradável para as crianças e para a comunidade em geral. A quadra de esportes é aberta aos fins de semana para a recepção da comunidade.

A Escola Alberto Torres me chocou bastante. Percebi falta de trabalho em grupo, desmotivação e, segundo uma funcionária (esqueci o nome e o cargo dela), a Secretaria de Educação vem aos poucos ameaçando de fechar essa escola que tem uma bela história junto ao Instituto Butantã. As salas de aula aos poucos vêm se tornando depósitos e arquivos. Não sei se as “ameaças” do governo são verdadeiras, mas pude sentir a grande falta de motivação por parte de membros da coordenação e direção, o que me deixou um pouco desconfortável. No pátio não havia crianças, os corredores eram escuros e vazios. Nessa escola quase abandonada também conhecemos um membro de sua primeira turma, o que salvou a visita, pois ouvimos histórias interessantes e pudemos perceber a importância daquele prédio e o desperdício que vem ocorrendo. A proximidade com a USP existe, mas o diálogo é nulo.

A Escola Amorim Lima me deixou uma ótima impressão. Pátios lotados, salas de aulas com um burburinho gostoso, corredores cheios de trabalhos e intervenções dos alunos e uma biblioteca razoável. Fomos guiados por duas alunas superengajadas em projetos da escola. A escola é repleta de peculiaridades, como móveis feitos de papel reciclado e uma opã, construção indígena, que também sofre ameaças de desaparecer devido a um projeto que prevê a construção de um túnel que passaria exatamente por ela, que seria demolida. Encontramos um estagiário da Letras, o que me alegrou muito! A USP tem que intervir mais em escolas, somando conhecimento, instigando os alunos, que, por muitas vezes, não têm estímulo para cursar o ensino superior.

A Escola Clorinda Danti, assim como as outras, apresenta problemas e pontos positivos. Seu prédio é aconchegante, as salas estavam cheias de crianças que pareciam felizes com a nossa visita. Essa escola atende crianças da comunidade São Remo, juntinha à USP, que é discriminada pela comunidade USP de uma maneira geral. Sua diretora nos relatou que em 2008 houve a implantação de um projeto da Faculdade de Psicologia da USP em que estagiários realizariam consultas com crianças que sofrem algum tipo de problema familiar e/ou escolar, mas também, segundo a diretora, o projeto não foi para a frente. A escola tem uma ótima estrutura: conta com uma sala com fantoches, onde o professor Willi não resistiu e foi brincar! Há também uma sala com equipamentos em braille (não me lembro se a escola atende crianças deficientes) e uma biblioteca promissora que na época estava sendo organizada.

O que me marcou nas visitas em todas as escolas, sejam elas particulares ou não, foi a grande abertura, carinho e respeito com que nos receberam e que provavelmente receberiam projetos educacionais promovidos pela USP. Devemos pensar mais em como intervir na educação pública, pois isso traria inúmeros benefícios para ambas as partes. O conhecimento produzido na universidade deve ultrapassar as muralhas que cercam a Cidade Universitária. Conheço muitos universitários voluntários em projetos sociais e devo dizer que algumas iniciativas têm sido tomadas pela universidade, por exemplo: participo de um projeto de iniciação científica que envolve o ensino de línguas estrangeiras como veículo de inserção social. Ofereço aulas na São Remo e venho obtendo resultados positivos. Desde meu aperfeiçoamento como estudante, pesquisadora, cidadã e futura professora, até a ampliação e mudanças de perspectivas de meus alunos, bem como certa diminuição da hostilidade existente entre a comunidade São Remo e a comunidade USP.

(Jéssica Oliveira de Jesus, aluna de graduação em Letras)



FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA E PARA A POLÍTICA

No começo do *Grande Sertão: Veredas*, Riobaldo declara: “Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa”. Quisemos compartilhar essas frases com vocês porque achamos que elas sugerem muitas coisas sobre o que pudemos compartilhar aqui na Escola da Vila, antes e depois de nossa expedição.

Quando fomos convidados a participar da atividade, ficamos muito animados, pois identificamos a oportunidade como um momento especial de contato com “o pensar e fazer educação” na região do Butantã. Principalmente ao considerarmos que nossa experiência se daria a partir da Universidade de São Paulo, que completa 75 anos de existência em nossa região.

Esse momento vinha ao encontro de uma discussão permanente que fazemos na escola (enquanto instituição e comunidade educativa): qual o nosso compromisso com os valores públicos, com a política e com a cidadania? Nossas certezas sobre o trabalho realizado pelas escolas do entorno da universidade e a relação que têm com a USP eram poucas, mas as dúvidas e perguntas eram muitas.

Ao iniciarmos a produção deste texto, uma das certezas que tínhamos era que a experiência que vivemos – conjuntamente, aos representantes das escolas visitadas, além dos alunos e professores da universidade que participaram – foi um ato político e de significativa “formação política”.

As diferenças entre cada uma das escolas só reforçaram em nossa discussão (entre os integrantes da Vila que participaram da expedição) que escolas e universidades “precisam” formar alunos que aprendam a ser sujeitos construtores de seus próprios conhecimentos, ou seja, que questionem (ou “desconfiem”), formulem suas hipóteses (ou, em outras palavras, “sempre façam maiores perguntas”) e construam seus conhecimentos em relação com os saberes estabelecidos, sejam eles científicos ou não.

Do ponto de vista da política ou da cidadania, esse ponto de partida não é diferente. Pelo contrário, para pensarmos na formação política e “para a cidadania”, temos de exagerar esses pontos de partida. Principalmente se tivermos em conta que o que estará em questão aqui é a inserção desse aluno na sociedade, capaz de *agir* com conhecimento, de maneira cooperativa e autônoma.

Falamos anteriormente que o aluno que “devemos” formar precisa aprender desde cedo a se tornar um sujeito do conhecimento. Em sentido político, poderíamos traduzir esse aluno como um *sujeito político*, ou seja, que não apenas conhece e constrói seu papel no mundo de que participa, mas também exerce esse papel cada vez com mais autonomia e em cooperação com seus pares.

Estamos aqui tratando da formação de *sujeitos políticos* que, assim como os sujeitos do conhecimento, criam explicações para o mundo em que se veem inseridos e do qual anseiam por participar, experimentam formas de organização política, justificam e argumentam a favor de suas posições, entram em contato (e, por que não dizer?, em *conflito*) com opiniões divergentes das suas, buscam novas experiências e as relacionam com o que já viveram e aprenderam, constroem novas explicações e formas de intervir no mundo e assim sucessivamente.

Nesse sentido, se entendemos que todos

os alunos devem ser produtores de conhecimento (como sujeitos desse conhecimento), devemos também compreendê-los como construtores ativos de conhecimento político, de conhecimento social. Chamamos aqui de “conhecimento político” ou “conhecimento social” formas de *se relacionar* construtivamente com sua sociedade e com o mundo que eles compõem – em outras palavras, queremos que os jovens que ocupam nossos “bancos escolares” tornem-se sujeitos nessa relação.

No contexto da nossa discussão para a elaboração deste texto, a expedição que fizemos no entorno da USP inaugura possibilidades de diálogo, produção de conhecimento, articulação política e novas políticas públicas, a partir de uma experiência que urge ser “permanente” entre a escolas e a academia.

(Fermín Damirdjian, orientador educacional; Francisco Eduardo Bodião, orientador educacional; Matheus Preis, aluno do 1º ano do ensino médio - Escola da Vila)

O QUE É UMA BOA ESCOLA?

Ao apresentar as impressões e emoções que tomaram conta de meu espírito no decorrer da “Viagem ao redor do *campus*”, tomo a liberdade de começar revelando dois pressupostos que condicionaram meu olhar nessa jornada realmente *extra-ordinária* (no sentido literal da palavra).

1) Para quem passou por sete escolas até entrar na universidade – a começar, na década de 1950, por uma escola primária estatal, em uma aldeia no sul da Itália (que funcionava num antigo convento em ruínas, sem luz elétrica nem água encanada), passando por várias escolas privadas (colégios São Bento e Coração de Jesus, confessionais, e Liceu Acadêmico e Alfredo Pucca, laicos) e uma escola estadual modelo, o Centro Educacional Otávio Mendes (o Cedom, como era conhecido); isso por um lado, e, por outro, para quem está completando, precisamente

em 2009, quarenta anos como professor (tendo lecionado em muitas escolas secundárias de São Paulo, inclusive no Colégio Santa Cruz, uma das escolas visitadas em nossa “viagem”) – as emoções sentidas nessa jornada tão especial não poderiam ter sido mais intensas. Quantas imagens, lembranças, sensações perturbadoras e gratificantes ao mesmo tempo!

2) Preciso confessar também que comecei a “viagem” sem nenhuma expectativa com relação ao que iríamos encontrar nas escolas públicas, porque acompanho atentamente, desde os anos 70 do século passado, a sua contínua deterioração (e as descontínuas e, portanto, frustrantes tentativas de seu soerguimento); e porque, entre 1983-85, passei por uma experiência muito triste, como professor de uma faculdade particular (agora não mais existente, mas que era considerada de bom nível): dei aulas para alunos que ou já eram, ou viriam a ser, professores de História da rede pública e que ostentavam uma formação profundamente deficiente, uma incapacidade estrutural de aprendizagem (do conteúdo que me esforçava por lhes transmitir) e uma autoestima muito baixa. E todos sabemos que não é possível ser um(a) professor(a), no verdadeiro sentido da palavra, sem autoestima.

3) Ora, se não foi nenhuma surpresa encontrar na Escola Estadual Alberto Torres todos os sinais, inclusive materiais, físicos, do quadro, da situação que acabo de referir, foi uma surpresa total o que encontramos em duas outras escolas públicas, uma do Estado (João Cruz Costa) e outra da Prefeitura (Amorim Lima): diretores, coordenadores de ensino e professores, ostentando visível autoestima, convicção, preparação intelectual e entusiasmo, numa palavra, verdadeira vocação, no cumprimento de seu trabalho (melhor seria dizer missão educacional). Não é exagero dizer que todos nós, integrantes da “viagem”, ficamos arrepiados, e contagiados, com a atmosfera de envolvimento, de participação ativa por parte de todos (direção, professores, funcionários e alunos), que vimos existir nessas duas escolas e que nos devolveu o fio de esperança sobre o futuro da educação pública.



4) Constatei, portanto, para minha surpresa, que para além do contraste muito evidente entre escolas privadas excelentes e escolas públicas deficientes (para dizer o mínimo), demonstrando a divisão entre um Brasil rico e um Brasil pobre, existe, dentro desse mesmo Brasil pobre, uma divisão, um contraste, entre uma maioria de escolas públicas em situação lamentável e uma minoria (pois, infelizmente, trata-se de uma minoria) de escolas que, graças ao trabalho de um grupo de abnegados, consegue oferecer, em meio a toda sorte de carências e dificuldades, fazendo das tripas coração, uma educação de alta qualidade. De toda essa experiência consolidei duas convicções: a) essa minoria poderá um dia ser maioria; b) o fundamental para haver uma boa escola não é o capital físico, a infraestrutura, mas o capital humano, isto é, os professores e diretores. Sobretudo estes últimos, pois, tal como não há boa orquestra sem um bom maestro, não pode haver boa escola sem um bom diretor.

(Modesto Florenzano, professor do Departamento de História)

Os viajantes